Editorial

UM RETRATO NA PAREDE

Até há dez anos atrás, o hoje chamado Vetor Sul ainda podia ser considerado o principal santuário ecológico da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Em razão da sua proximidade de Belo Horizonte, o município de Nova Lima foi o local escolhido por muitas pessoas que buscavam uma melhor qualidade de vida.

A razão era a singular reserva florestal que constituía o patrimônio maior do município. A descoberta teve consequência rápida. Desde que o bairro Belvedere foi completamente ocupado, a expansão imobiliária se voltou para o interior de Nova Lima e municípios vizinhos, num movimento que ameaça hoje o bem mais importante da região, que é a natureza.

Desde 2000, mais 22 mil unidades habitacionais foram construídas na região, que comporta uma população de mais de 80 mil pessoas. Disponíveis, hoje, existem mais 44 mil imóveis à venda, o que pode implicar a triplicação do número de habitantes. Estima-se que a frota local aumentará de 180 mil veículos.

A região já não comporta o tráfego atual. As pessoas moram em locais aprazíveis, mas já sentem dificuldades de sair ou entrar em seus domínios. As obras previstas só vão atenuar temporariamente os congestionamentos. Se o ritmo de ocupação se mantiver, a região fatalmente entrará em colapso. O impacto terá repercussões no meio ambiente, nos serviços públicos, no trânsito e na temperatura.

O poder público não está muito preocupado com a situação. Nova Lima perdeu a fonte de renda da mineração, substituindo-a pela expansão imobiliária. As normas de ocupação do solo são permissivas, a ponto de o Ministério Público estadual recomendar que os projetos a serem instalados na vertente da serra do Curral voltada para Nova Lima sejam examinados pelo patrimônio histórico nacional.

É preciso evitar que essa expansão prossiga, se não quisermos, como aconteceu com outras localidades mineiras, que Nova Lima vire um retrato na parede.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Teodomiro Braga
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL Rodrigo Simões
GERENTE DE MERCADO LEITOR Ricardo Botelho
GERENTE INDUSTRIAL Guilherme Reis
GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO Walmir Prado
GERENTE DE MARKETING Alessandra Soares
CONSULTOR DE TECNOLOGIA Marco Guinter

EDITORA GERAL Lúcia Castro
SECRETÁRIAS DE REDAÇÃO Michele Borges da Costa, Regiane Marques Sampaio
ADJUNTA DA SECRETARIA DE REDAÇÃO Aline Reskalla
EDITORES
Primeira Página: Denner Taylor
Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Política: Carla Kreefft
Magazine: Silvana Mascagna
Fotografia: Leonardo Lara
Brasil/Mundo: Carla Chein
Esportes: Rogério Tadeu
Cidades: Robert Wagner

O.PINIÃO

Duke

www.dukechargista.com.br

FÁTIMA OLIVEIRA
Médica
fatimaoliveira@ig.com.br

Sobre talentos e celebridades que apenas a morte santifica

Das acusações, livrou-se legalmente, mas moralmente não

Pense numa pessoa de sorte! É o patriarca José Sarney. Ô, bicho que tem poder! Tem Lula aos seus pés. Não é sorte, é poder! Mas vai ficar devendo mesmo é a Michael Jackson... São tantos os assuntos instigantes na última semana que não consigo escolher sobre qual palpitar... Se o mais sensato é "passar", ou seguir o provérbio: "Ao falar, procura que tuas palavras sejam melhores que o silêncio".

Prometi ao meu eu profundo não falar sobre Michael Jackson, de quem a rigor nunca fui fã. Talvez por ignorância musical pop; por não entender sua arte, o talento e o encanto que fluíam de suas performances. Não resisti. A overdose midiática da morte do pop star empanou a gripe suína, a doença da presidenciável Dilma e o mangue do Senado, onde Sarney está pulando mais do que canção de fogo. Bendita morte para muita gente!

Até para o morto, que auferiu os benefícios da voz do povo: "todo morto vira santo"; ou a "morte santifica as pessoas". "Quer virar santo? Então morra!" É que "morreu o bicho, acabou-se a peçonha". Fazer o que, não é? "Os mortos não voltam mais." Então, descanse em paz, Peter Pan!

Especula-se que Michael Jackson era portador de lúpus, de vitiligo, que usou hidroquinona para embranquecer... Virou dependente químico (morfina e demerol), hipocondríaco e cheio de excentricidades só explicáveis pela psiquiatria. Narcisista, exibia exuberante quadro psiquiátrico: dismorfia corporal – distorção da imagem pessoal. Há coisas misteriosas sobre a saúde dele que só o dr. Conrad Robert Murray, cardiologista, seu médico pessoal, poderá tornar públicas, caso queira. Muitas coisas ele jamais dirá, pois estão sob o manto do segredo médico.

Michael Jackson é astro de primeira grandeza, inovador, criativo e multifacetado (poeta, compositor, cantor, dançarino e produtor), um ícone que construiu um legado musical primoroso – um talento que se desmilinguiu na esteira das acusações de pedofilia, das quais se livrou legalmente, mas moralmente não. Uma acusação de pedofilia é uma mancha moral indelével. Deixa para sempre a dúvida no ar, do tipo: "Onde há fumaça, há fogo".

> A morte do pop star empanou a gripe suína, a doença da presidenciável Dilma e o mangue do Senado. Bendita morte para muita gente!

Falam que fugia de sua negritude e que não assumiu sua homossexualidade – especulações que não sabemos o quanto de verdade encerram. A pergunta que não quer calar é: qual a dimensão do tributo que ele pagou ao racismo? Sua música tem raízes negras, deu status ao break, idealizou o "We are the world" – solidariedade pop à África (1985). Sabe-se por quê? A sua Heal the World Foundation (1992) doou milhões de dólares para crianças vulneráveis por causa de guerras e doenças no mundo.

Suas relações com as mulheres foram curtas e confusas. Pelo menos quanto ao que é público dos dois casamentos. A mãe do seu caçula é uma incógnita até agora (uma suposta barriga de aluguel?). E a posse sobre os três filhos revela uma forma obsessiva de paternidade. Intuo, não sei, que a vida sempre foi um fardo pesado demais para ele. A morte precoce abreviou o seu sofrer.

Disse que apanhava muito do pai na infância. A cantora La Toya, sua irmã, declarou que o pai, Joseph Jackson, abusava sexualmente dos filhos, até dela. A partir de uma psiquiatria de botequim, poderíamos dizer que o rancho Neverland (Terra do Nunca) é uma imagem da infância que ele não teve, pois já era profissional da música aos cinco anos de idade (Jackson Five). Sobre o rancho, ele declarou: "Eu queria ter um lugar onde eu pudesse criar tudo o que eu nunca tive na minha infância". Merece ser enterrado lá.

DUKE